

“A EXCEÇÃO E A REGRA” - Bertolt Brecht - TRADUÇÃO: Aparecida Damésio

PERSONAGENS	ATORES
COMERCIANTE	01-
GUIA	02-
CULER/CARREGADOR	03-
POLICIAL 01	04-
POLICIAL 02	05-
ESTALAJADEIRO	06-
JUIZ	07-
JUIZ ADJUNTO 01	08-
JUIZ ADJUNTO 02	09-
MULHER DO CARREGADOR	10-
CHE DA 2ª CARAVANA	11-
MEMBRO 01 DA 2ª CARAVANA	12-
MEMBRO 02 DA 2ª CARAVANA	13-
MEMBRO 03 DA 2ª CARAVANA	14-
CORO	15-
	16-
	17-
	18-
	19-

FALA DOS ATORES

Agora vamos contar
 A história de uma viagem
 Feita por dois explorados e por um explorador.
 Vejam bem procedimento desta gente:
 Estranhável, conquanto não pareça estranho;
 Difícil de explicar, embora tão comum;
 Difícil de entender, embora seja a regra.
 Até o mínimo gesto, simples na aparência
 Olhem desconfiados e perguntem
 Se é necessário, a começar do mais comum.
 E, por favor, não achem natural
 O que acontece e torna a acontecer:
 Não se deve dizer que nada é natural
 Numa época de confusão e sangue
 desordem ordenada, arbítrio de propósito
 humanidade desumanizada
 para que imutável não se considere
 nada!

1 CORRIDA NO DESERTO

UMA PEQUENA EXPEDIÇÃO CRUZA APRESSADAMENTE O DESERTO

COMERCIANTE: (A SEUS DOIS ACOMPANHANTES, O GUIA E O CULE QUE VAI LEVANDO AS BAGAGENS) Depressa, seus moleirões! Precisamos chegar ao posto de Han dentro de dois dias, pois temos de levar um dia de vantagem, custe o que custar. (AO PÚBLICO): Eu sou o comerciante Karl Langmann, e vou de viagem para a cidade de Urga, onde espero fechar o negócio de uma concessão. Meus concorrentes vêm aí, atrás de mim. O negócio é de quem chegar primeiro. Graças a minha esperteza, e à minha disposição para vencer quaisquer dificuldades, e à dureza com que sempre tratei todo o meu pessoal, até aqui a viagem foi feita quase que na metade do tempo que costuma levar. Por azar, meus concorrentes parecem ter alcançado também uma rapidez igual. (OLHA PARA TRÁS, COM O BINÓCULO.) Lá vem eles de novo vejam só: sempre nos meus calcanhares! (AO GUIA) : Porque não dá em cima desse cule? Foi para isso que contratei você! Mas, pelo visto, o que querem fazer é turismo às minhas custas. Vocês nem podem fazer idéia de quanto custa uma viagem destas: porque o dinheiro não é de vocês! Se vai continuar me sabotando, eu faço queixa de você na Agência, assim que chegarmos em Urga!

GUIA: (AO CULE) Veja se pode apertar mais o passo!

COMERCIANTE: Sua garganta não dá o tom certo: nunca há de ser um guia de verdade. Eu devia ter chamado um mais caro. Os outros estão cada vez mais perto. Bata nesse rapaz, para ele andar! Vamos, o que está esperando? Eu não sou favorável à pancada, mas há umas horas em que só batendo! Se eu não chego primeiro, estou falido! Para o transporte da minha bagagem, você foi chamar logo o seu irmão. Foi ou não foi? Confesse! Não bate nele, por que é seu parente. Eu sei muito bem como vocês são: não é que lhes falte brutalidade. Ou você bate nele ou está despedido! Depois pode ir queixar-se na Justiça, por causa do salário. Meu Deus do céu, eles estão nos alcançando!

CULE (AO GUIA): Pode bater em mim, mas não com muita força, pois, se ainda temos de andar até o posto de Han, não posso gastar minhas energias todas de uma vez só.

GUIA BATE NO CULE.

GRITOS (VINDOS DE TRÁS): Ei, pessoal! Este caminho é o que vai dar em Urga? Somos de paz! Esperem por nós!

COMERCIANTE: (NÃO RESPONDE E NÃO OLHA PARA TRÁS) Diabos os levem! Vamos em frente! Há três dias que eu venho forçando o meu pessoal a andar: dois dias com insultos, um dia com promessas. O resto a gente vê depois, em Urga. E os concorrentes sempre nos

meus calcanhares, mas na segunda noite andamos sem parar, nem para tomar fôlego, e consegui escapar da vista deles, para no terceiro dia chegar ao posto de Han, um dia na frente de qualquer outro! (CANTA)

*Como eu não dormi no ponto, levei vantagem;
Como eu não desanimei, vim mais ligeiro.
Para trás ficam os fracos, o forte chega primeiro.*

2 FIM DA BATIDÍSSIMA ESTRADA

COMERCIANTE (ANTE O POSTO DE HAN): Aqui está o posto de Han. Cheguei um dia na frente de qualquer outro, graças a Deus! Meus homens estão exaustos e, além de tudo, amoladíssimos comigo. Não sabem dar valor a um recorde batido! Não são de luta, não são de nada: é uma corja da mais baixa qualidade, que anda de rastos. É claro que não ousam dizer nada, porque, graças a Deus, a polícia está aí para manter a ordem.

DOIS POLICIAIS (APROXIMANDO-SE) : Tudo bem, cavalheiro? Tudo em ordem ? Então gostou da estrada? Seu pessoal trabalhou direitinho?

COMERCIANTE: Tudo bem, tudo em ordem. Até aqui fiz a viagem em três dias, em vez de quatro. A estrada é uma porcaria mas eu costumo levar a bom termo todos os meus empreendimentos. E do posto em diante, como estão as estradas? Qual é a próxima etapa?

DOIS POLICIAS: Agora, meu senhor, vem primeiro o deserto do Jahi, inteiramente desabitado.

COMERCIANTE: E uma escolta policial, não se pode arranjar?

DOIS POLICIAIS (SEGUINDO A DIANTE) : Não, meu senhor. A última patrulha que o senhor poderia encontrar somos nós, meu senhor.

3 DISPENSA DO GUIA NO POSTO DE HAN

GUIA: Depois daquela conversa com os policiais, na estrada de frente ao posto, nosso comerciante está muito mudado. O tom que ele nos fala é outro, bem diferente: quase amistoso. Isso nada tem a ver com o ritmo de viagem, porque para este posto, que é o último antes do deserto de Jahi, ele também não programou nem um dia de descanso. Não sei o jeito que vou dar para ir tocando esse cule até Urga, exausto como ele está. Em tudo por tudo me deixa muito preocupado essa atitude amistosa do comerciante: receio que ele esteja planejando alguma coisa contra nós. Ele anda de um lado para outro, mergulhado em seus pensamentos: quanto mais pensamentos, mais patifarias! Esteja ele tramando o que estiver, quem tem de aguentar somos eu e o cule, senão ele não paga o que nos deve ou mandamos embora no meio do deserto.

COMERCIANTE (APROXIMANDO-SE) : Não quer um pouco de fumo? E papel de cigarro, tem aqui! Por uma tragadinha de fumaça, vocês seriam capazes de entrar no fogo. Graças a Deus, isto é o que não nos falta: temos fumo bastante para ir três vezes daqui até Urga.

GUIA (DE SI PARA SI, ACEITANDO O FUMO) : Temos fumo!

COMERCIANTE: Vamos sentar-nos um pouquinho, amigo! Porque não se senta? Uma viagem como esta acaba criando uma ligação humana entre as pessoas. Mas, se não quer, pode ficar em pé, naturalmente. Vocês também têm lá os seus costumes. Não é de hábito eu me sentar com você, nem você com o cule: é sobre tais diferenças que o mundo está edificado. Mas nós podemos fumar juntos, não? (RI) Isso é uma coisa que eu aprecio em você. É também uma forma de dignidade. Então pode ir arrumando a bagagem. E não se esqueça da água! Nesse deserto parece que há poucos poços. Além do mais, meu amigo, eu queria lhe dar mais um aviso: reparou bem no olhar daquele cule, quando você deu um pouco mais duro nele? Ele tinha nos olhos qualquer coisa que não me parecia de bom sinal. E nos próximos dias você ainda vai ter de dar mais duro nele, pois é possível que ainda

precisemos apertar mais o passo. E o cule é mesmo um grande preguiçoso. A região em que vamos entrar agora é inteiramente desabitada: aí talvez ele queira mostrar a verdadeira face. Você, que é um homem de melhores qualidades, naturalmente ganha um pouco mais e não precisa ir carregando nada: razão bastante para ele odiar você. É bom ficar um pouco longe dele. (POR UMA PORTA ABERTA, O GUIA PASSA PARA O OUTRO LADO. O COMERCIANTE FICA SENTADO) Essa gente é engraçada!

ALI PERTO, O GUIA VIGIA O CULE QUE ESTÁ ARRUMANDO A BAGAGEM. DEPOIS, SENTA-SE E FUMA. O CULE, AO TERMINAR, SENTA-SE TAMBÉM, ACEITA FUMO E PAPEL QUE O OUTRO LHE OFERECE, E COMEÇAM OS DOIS A CONVERSAR.

CULE: O comerciante sempre diz que tirar petróleo da terra é um serviço que se presta à humanidade: quando o petróleo é tirado da terra, abrem-se estradas e o bem-estar é geral. Diz o comerciante que até aqui vai ter estrada-de-ferro. E eu, então, como é que vou ganhar a vida?

GUIA: Pode ficar descansado. Não vai haver estrada aqui tão cedo! Ouvi dizer que o petróleo, se uma pessoa descobre, logo aparece outra e esconde: quem tapa um furo de onde sai petróleo, recebe um dinheirão para guardar segredo. E é por isto que o nosso comerciante está com tanta pressa: o que ele quer mesmo não é o petróleo, é o dinheiro para guardar segredo!

CULE: Não compreendo.

GUIA: Ninguém compreende.

CULE: O caminho, agora pelo deserto, vai ser pior do que foi até aqui. Minha esperança é que meus pés aguentem.

GUIA: Naturalmente, vão aguentar.

CULE: Não há assaltantes pelas redondezas?

GUIA: Só no primeiro dia de viagem, que vai ser hoje, precisamos ir de olhos bem abertos: nas vizinhanças do posto, juntam-se marginais de todo tipo. Quando deixarmos para trás o rio Myr, é só seguirmos a linha dos poços de água.

CULE: E o caminho, você sabe?

GUIA: Sei.

O COMERCIANTE, OUVINDO RUMOR DE VOZES, PÕE-SE ATRÁS DA PORTA, À ESCUTA.

CULE: O rio Myr é difícil de atravessar?

GUIA: Nesta época do ano, em geral, não. Mas quando há uma enchente, a correnteza fica muito forte, e há perigo de vida.

COMERCIANTE: Com o cule, ele conversa. Com o cule, ele se senta. Com o cule, ele fuma.

CULE: E aí, então, como é que a gente faz?

GUIA: A gente às vezes tem que esperar oito dias, até poder atravessar para a outra margem sem nenhum risco.

COMERCIANTE: Vejam só! Ele ainda está dando conselho ao outro para não se apressar e cuidar bem da preciosa vidinha! Aí está um sujeito perigoso: vai acabar tomando as dores do outro. Está-se vendo que não é o homem para tomar as providências necessárias. Quando não seja capaz de coisa pior! Assim, de agora em diante, eles são dois contra um. Ele, pelo

menos, dá a entender claramente que não vai ter coragem de tratar o subordinado com a dureza necessária, agora que vamos entrar numa região desabitada. Preciso dar um jeito de ficar livre dele. (APROXIMA-SE DOS DOIS) Mandei você tomar conta, para a bagagem ser bem arrumada: agora vamos ver se fez o que eu mandei. (REPUXA COM FORÇA UMA DAS CORREIAS DA AMARRAÇÃO, ATÉ ARREBENTAR.) Isso é bagagem bem arrumada? Se a correia arrebenta no caminho, é um dia que vamos ficar parados. Mas você está querendo é isto mesmo: ficar parado.

GUIA: Eu não quero parar coisa nenhuma. E se ninguém puxar com tanta força, a correia não vai arrebentar.

COMERCIANTE: Como? Então ainda quer me desmentir? Essa correia arrebentou ou não? Tenha a coragem de dizer, na minha cara, que a correia não está arrebentada! Não posso mais confiar em você. Quando tentei tratar vocês decentemente, eu cometi um erro: com vocês, não se pode fazer nada. Não preciso de um guia que não sabe impor respeito ao resto do pessoal. Você parece mais capacitado para ser cule, e não para se guia. Tenho razões até para desconfiar que anda enchendo os ouvidos do pessoal...

GUIA: E que razões são essas?

COMERCIANTE: Isso é o que você gostaria de saber...Pois: está despedido!

GUIA: Mas não pode me despedir assim, no meio da viagem...

COMERCIANTE: Considere-se ainda um felizardo, se eu não for fazer queixa de você na Agência, em Urga! Aqui está o seu salário: exatamente até o dia de hoje. (CHAMA O ESTALAJADEIRO, QUE SE FAZ PRESENTE.) O senhor é testemunha: estou pagando o salário devido! (AO GUIA:) E a você eu vou dizendo, desde já: em Urga, é melhor não aparecer na minha frente! (MEDE-O COM OLHAR DE ALTO A BAIXO.) Você nunca há de ser nada na vida. (VAI COM O ESTALAJADEIRO PARA O OUTRO RECINTO.) Eu já estou de partida. Se acontecer alguma coisa comigo, o senhor é testemunha de que eu saí daqui hoje, sozinho com aquele homem! (INDICA O CULE NO PÁTIO).

O ESTALAJADEIRO DÁ A ENTENDER, POR MEIO DE GESTOS, QUE NÃO ESTÁ COMPREENDENDO NADA.

COMERCIANTE (PERPLEXO): Ele não me entende. Neste caso, não haverá pessoa alguma que possa dizer para onde eu fui. E o pior é essa corja sabe que não há ninguém.

O COMERCIANTE SENTA-SE E ESCREVE UMA CARTA

GUIA (AO CULE): Foi um erro eu me sentar com você. Fique de olho, que esse sujeito não presta! (DÁ AO CULE O PRÓPRIO CANTIL COM ÁGUA.) Fique com este cantil de reserva, bem escondido! Se vocês se perderem- como é que você pode acertar o caminho?- ele, com toda a certeza, vai lhe tomar o cantil... Agora eu vou lhe ensinar o caminho.

CULE: Não faça isso! Ele não deve nos ver conversando: se me mandar embora, estou perdido. E a mim ele nem tem que pagar nada, porque eu não sou sindicalizado como você. Eu só tenho a perder.

COMERCIANTE (AO ESTALAJADEIRO): Esta carta é para ser entregue às pessoas que devem chegar aqui amanhã e também vão para Urga. Eu vou continuar minha viagem, só com o carregador.

ESTALAJADEIRO (RECEBENDO A CARTA, COM UMA MESURA) : Mas ele não é guia...

COMERCIANTE (DE SI PARA SI): Ah, então ele bem que compreende! Antes fingia não compreender: ele sabe como são essas coisas, e não queria servir de testemunha. (AO ESTALAJADEIRO SECAMENTE:) Faça o favor de ensinar ao meu cule o caminho de Urga!

O ESTALAJADEIRO VAI E COMEÇA A EXPLICAR AO CULE O CAMINHO PARA URGA. O CULE, ANSIOSO, FAZ COM A CABEÇA REPETIDOS SINAIS AFIRMATIVOS.

COMERCIANTE: Já estou vendo que vai ser uma luta! (TIRA O REVÓLVER DO COLDRE E PÕE-SE A LIMPÁ-LO. ENTREMENTES, CANTA:)

Quem morre é o homem doente,
o homem forte vai em frente.
Porque haveria a terra
de entregar o seu petróleo?
Porque haveria o cule
de levar minha bagagem?
Pelo petróleo, lutemos
contra a terra e contra o cule,
E essa luta tem um tema:
quem morre é o homem doente,
o homem forte vai em frente.

COMERCIANTE (PASSANDO AO PÁTIO, PRONTO PARA PARTIR): Então, já sabe o caminho?

CULE: Sei, sim senhor.

COMERCIANTE: Pé na estrada!

SAEM O COMERCIANTE E O CULE. O ESTALAJADEIRO E O GUIA SEGUEM-NOS COM O OLHAR.

GUIA: Não sei se o meu colega chegou a aprender bem. Acho que ele aprendeu muito depressa.

4 CONVERSA EM LUGAR DE PERIGO

CULE (CANTANDO:) Eu estou indo para a cidade de Urga.
Vou caminhando sem descanso para Urga.
Não há assaltantes que me impeçam de ir a Urga.
Em Urga tem comida e pagamento.

COMERCIANTE: Como esse cule é despreocupado! Num lugar infestado de assaltantes e delinquentes de todos os tipos, que se amontoam nas vizinhanças do posto, ele ainda canta! (AO CULE): Nunca fui muito com aquele guia: em certas horas me parecia grosseiro, em outras falando manso demais. Não me dava a impressão de um homem sério.

CULE: Sim, patrão. (CONTINUA A CANTAR:)

São muito duras as estradas até Urga.
Espero que meus pés agüentem até Urga.
São sofrimentos incontáveis até Urga.
Mas lá em Urga tem descanso e pagamento.

COMERCIANTE: Porque está tão alegre e canta tanto, meu amigo? Não tem medo nenhum dos assaltantes? Pensa que de seu, mesmo, não podem tirar nada, pois nada lhe pertence: o que você tem a perder pertence a mim ...

CULE (CANTANDO) : Também minha mulher me está esperando em Urga.
Também meu filhinho me está esperando em Urga.
Também...

COMERCIANTE (INTERROMPENDO-O): Não me agrada essa sua cantoria. Motivo de cantar, nós não temos nenhum. E a sua voz se ouve daqui até Urga: é a melhor maneira de atrair a corja inteira para cá. Amanhã você pode cantar mais, quanto quiser.

CULE: Sim, patrão.

COMERCIANTE: (ANDANDO NA FRENTE:) Ele não resistiria nem um instante, se lhe quisessem roubar o carregamento. Que faria ele? A obrigação dele seria defender o que é meu como se fosse dele, contra todos os riscos. Mas isso é o que ele não faria nunca! Gente ruim! E também não diz nada: esses são os piores. Não sei o que tem dentro daquela cabeça. Em que estará pensando? Não tem nada para achar graça, e ri. Está rindo de quê? Porque será que me deixa ir na frente, por exemplo? Quem sabe o caminho é ele. Aonde será que está me levando? (OLHA PARA TRÁS E VÊ O CULE APAGANDO, COM UM PANO, OS RASTROS DEIXADOS NA AREIA.) Que está fazendo?

CULE: Estou apagando os nossos rastros, patrão.

COMERCIANTE: Porque está fazendo isso?

CULE: Por causa dos assaltantes.

COMERCIANTE: Ah, sim, por causa dos assaltantes... Mas alguém precisa ver para onde é que você está me levando. Porque é que você vem atrás de mim? Passe na frente! (CONTINUAM A ANDAR EM SILÊNCIO. O COMERCIANTE FALA CONSIGO MESMO:) Nesta areia, de fato, os rastros ficam muito visíveis. Naturalmente, pensando melhor, seria ótimo apagar os rastros.

5 NA BEIRA DO RIO EM ENCHENTE

CULE: Nosso caminho era o certo, patrão. O que estamos vendo aí é o rio Myr. Nesta época do ano ele não costuma ser difícil de atravessar; mas na enchente ele puxa com muita força e a gente corre perigo de vida. E agora ele está na enchente.

COMERCIANTE: Precisamos passar para o outro lado.

CULE: Às vezes a gente precisa esperar até oito dias, até poder passar para o outro lado sem nenhum risco.

COMERCIANTE: Isso é o que nós vamos ver! Não podemos ficar nem um dia esperando.

CULE: Então precisamos achar um vau ou uma canoa.

COMERCIANTE: Vai demorar muito.

CULE: Mas eu não nado direito.

COMERCIANTE: O rio não está tão cheio assim.

CULE (SONDANDO AS ÁGUAS COM UM PAU) : Para mim não dá pé.

COMERCIANTE: Quando estiver dentro d'água, você vai logo sair nadando. Não vai poder fazer outra coisa. Ora, você não é capaz de uma visão como eu tenho. Porque razão nós temos de chegar a Urga? Então você não vê, seu idiota, que é um serviço que se presta à humanidade quando se tira petróleo da terra? Quando o petróleo é tirado da terra, abrem-se estradas de ferro, e o bem-estar é geral: tem pão e tem comida, e Deus sabe o que mais. E quem é que vai fazer isso? Nós! Tudo depende da nossa viagem. Imagine que todos os olhos deste mundo estão voltados para você, um homenzinho só! E você ainda hesita em cumprir o seu dever?

CULE (AJOELHANDO-SE RESPEITOSAMENTE ENQUANTO OUVIA TANTAS PALAVRAS:) Eu não sei nadar direito.

COMERCIANTE: Eu arrisco também a minha vida! (O CULE CONCORDA RESPEITOSAMENTE COM ACENOS DE CABEÇA) Não entendo você. Levado por considerações mesquinhas e gananciosas, não tem nenhum interesse em chegarmos a Urga o mais cedo possível: para você, quanto mais tarde, melhor, porque é pago por dia de trabalho. A viagem não é o que lhe interessa: você só pensa no seu salário!

CULE (PARADO À BEIRA-RIO, HESITANTE:) O que é que eu devo fazer? (CANTA):

Cá está o rio.
Atravessá-lo a nado é perigoso.
Na beira d'água estão em pé dois homens:
um faz a travessia a nado, o outro
hesita. Será corajoso um deles?
Será covarde o outro? Na outra margem
do rio, um tem um negócio a fazer.

Do perigo sai um
respirando aliviado na margem alcançada:
vai pisar no que é seu,
vai Ter comida fresca.
Já o outro sai do perigo
a arquejar para o nada:
esperam por ele, o debilitado,
perigos novos. Serão ambos valentes?

Serão ambos prudentes?
Ah, do rio que os dois venceram juntos,
os que saem não são dois vencedores!

Nós é uma coisa,
outra é você-e-eu:
nós tivemos a vitória,
mas a mim você venceu.

(AO COMERCIANTE): Me deixe descansar pelo menos a metade de um dia! Estou cansado de carregar a bagagem. Tendo um descanso, talvez eu possa chegar à margem de lá.

COMERCIANTE: Eu sei de um jeito melhor: vou encostar o cano do revólver nas suas costas! Quer apostar como chega logo à outra margem? (VAI EMPURRANDO O CULE NA FRENTE, E DIZ CONSIGO MESMO:) Meu dinheiro me faz ter medo dos ladrões e esquecer o rio.

(CANTA:)

É assim que o homem supera
o deserto e o rio em alta,
supera a si mesmo e alcança
o petróleo de que há falta.

6 ACAMPAMENTO NOTURNO

AO ANOITECER, O CULE, COM UM DOS BRAÇOS QUEBRADO, PROCURA ARMAR A TENDA. O COMERCIANTE ESTÁ PERTO, SENTADO.

COMERCIANTE: Eu já tinha dito que hoje você não precisava armar a tenda, porque travessia do rio quebrou o braço. (O CULE CONTINUA EM SILÊNCIO O QUE ESTAVA FAZENDO.) Se eu não puxasse para fora d'água, com toda a força, você teria morrido afogado. (O CULE CONTINUA) Embora eu não tenha culpa do acidente - aquele tronco de árvore podia muito bem ter batido em mim e não em você – essa é uma desgraça que lhe

aconteceu quando você estava de viagem comigo. O dinheiro que eu tenho aqui é muito pouco, mas o meu Banco tem Agência em Urga e lá eu indenizo você.

CULE: Sim, patrão.

COMERCIANTE: Que resposta mais seca! Cada vez que me olha é para me fazer sentir que eu o prejudiquei. Esses carregadores são uma cambada de gente maldosa! (AO CULE:) Você agora pode ir-se deitar. (AFASTA-SE E VAI SENTAR-SE MAIS LONGE.) Garanto que a desgraça do braço quebrado incomoda a ele menos do que a mim : essa gatinha não faz muita questão de estar inteira ou mutilada, e não enxerga nada mais alto do que a beira do prato. Doentes por natureza, nem se preocupam mais consigo mesmos. Assim como quem joga fora uma coisa que não saiu certo, eles jogam fora suas próprias pessoas, que saíram erradas. Só quem dá certo é que luta! (CANTA:)

Quem morre é o homem doente,
O homem forte vai em frente
E assim está bem.
Ao forte todos ajudam, e o fraco não tem ninguém,
E assim está bem.
Deixa cair o que cai, e dá-lhe um pontapé mais,
e assim está bem.
Quem se senta à mesa é quem a maior vitória tem,
E assim está bem,
Os que na batalha tombam o cozinheiro não conta,
E assim está bem.
Deus, que fez todas as coisas, fez o patrão e o empregado.
E assim está bem
Quem vive mal é o malvado
E assim está muito bem.

O CULE APROXIMOU-SE. O COMERCIANTE ASSUSTA-SE AO VÊ-LO.

COMERCIANTE: Ele estava escutando...Alto! Pare aí! O que é que você quer?

CULE: Patrão, a tenda está pronta.

COMERCIANTE: Você não fique deslizando por aí de noite: eu não gosto disso. Quando alguém chega perto, eu quero ouvir os passos. E também, quando falo com uma pessoa, eu gosto de olhar para os olhos dela. Vá-se deitar, e não se preocupe demais comigo. (O CULE RETIRA-SE PARA O FUNDO.) Espere! Você fica na tenda! Eu fico sentado aqui porque estou acostumado com ar fresco. (O CULE ENTRA NA TENDA.) Eu bem que gostaria saber o que foi que ele ouviu do que eu cantava. (PAUSA.)Que estará ele fazendo agora? (CONTINUA OCUPADO COM ALGUMA COISA)

VÊ-SE O CULE NA TENDA, PREPARANDO CUIDADOSAMENTE A SUA CAMA.

CULE: Tomara que ele não perceba nada! Não é fácil cortar bem o capim, com um braço só.

COMERCIANTE: Estúpido é quem não toma cuidado! Confiar é sinal de estupidez! Por minha causa, esse homem sofreu um acidente que é capaz de deixá-lo aleijado para o resto da vida: é inteiramente justo que ele queira ir à forra! E o homem forte, quando está dormindo, não é mais forte do que o homem fraco quando está dormindo. O ser humano não devia ter necessidade dormir! É claro que seria muito melhor estar sentado dentro da tenda: aqui, ao relento pode-se pegar uma doença. Mas qual doença seria tão perigosa quanto a criatura humana? Por pouco dinheiro esse homem faz uma caminhada comigo, que tenho muito dinheiro.Mas a estrada é tão cansativa para um quanto para o outro. Quando ele dava mostras de cansaço, acabava apanhando. Quando o Guia foi sentar-se com ele, mandei o Guia embora. Quando ele, talvez mesmo por causa dos ladrões, ia apagar os nossos rastros na areia, viu-se tratado com desconfiança. Quando deu sinal de medo, na beira do rio, teve

de olhar para o cano do meu revólver. Como é que eu vou dormir na mesma tenda com um homem desses? A mim ele não convence de que está conformado com tudo isso! Eu só queria saber o que ele está maquinando lá dentro! (VÊ-SE O CULE, NA TENDA, DEITANDO-SE TRANQUILAMENTE PARA DORMIR.) Louco seria eu, se fosse para aquela tenda!

7 A ÁGUA PARTILHADA

COMERCIANTE: Por quê fica aí parado?

CULE: Patrão, a estrada termina aqui.

COMERCIANTE: E agora?

CULE: Se for para bater em mim, patrão, não bata no meu braço machucado! Daqui em diante, eu não sei mais o caminho.

COMERCIANTE: E aquele homem do posto de Han não explicou a você?

CULE: Explicou, patrão.

COMERCIANTE: Quando eu lhe perguntei se tinha compreendido, você não disse que tinha?

CULE: Disse, patrão.

COMERCIANTE: E então não tinha compreendido tudo?

CULE: Não, patrão.

COMERCIANTE: E por que disse que tinha?

CULE: Eu tinha medo que o senhor me despedisse. Só sei que a gente vai seguindo os poços d'água...

COMERCIANTE: Então vamos seguir os poços d'água!

CULE: Mas eu não sei onde os poços estão.

COMERCIANTE: Siga em frente! E não me queira fazer de idiota! Sei muito bem que já passou por aqui antes.

CONTINUAM A MARCHA.

CULE: Mas não seria melhor esperarmos pelos que vêm atrás de nós?

COMERCIANTE: Não!

CONTINUAM A MARCHA.

COMERCIANTE: Mas, afinal, para onde você está indo? Assim vai para o norte; o leste é lá! (O CULE TOMA A NOVA DIREÇÃO.) Alto aí! Que foi que deu em você? (O CULE FICA PARADO, SEM OLHAR O COMERCIANTE) Por que não me olha de frente?

CULE: Pensei que o leste ficasse daquele lado.

COMERCIANTE: Espere, seu vagabundo! Eu já lhe mostro como deve ser meu guia! (BATE NELE) Agora sabe onde é que fica o leste?

CULE: (COM UM BERRO) Nesse braço, não!

COMERCIANTE: Onde fica o leste?

CULE: Lá!

COMERCIANTE: E onde ficam os poços d'água?

CULE: Para lá!

COMERCIANTE: (ENFURECIDO) Para lá? E você estava indo para cá?

CULE: Eu não patrão.

COMERCIANTE: Então você não estava indo para cá? Não era para cá que você estava indo? (BATE NO CULE)

CULE: Era, patrão.

COMERCIANTE: Onde é que fica os poços d'água? (O CULE NÃO RESPONDE . O COMERCIANTE FALA, APARENTEMENTE CALMO) Você não disse, ainda há pouco, que sabia onde ficavam os poços d'água? Sabe mesmo? Sim ou não? (O CULE NÃO RESPONDE E É NOVAMENTE ESPANCADO) Sim ou não?

CULE: Sim, patrão.

COMERCIANTE: Passe para cá o seu cantil com água! (O CULE ENTREGA O CANTIL) Eu poderia agora partir do princípio de que essa água toda é minha, porque você me guiou mal. Mas isso eu não vou fazer: vou repartir a água com você. Beba um gole, e depois vamos em frente! (DE SI PARA SI:) Eu me descontrolei; numa situação como esta, eu não devia Ter batido nele. Por aqui, nós já passamos: veja só, as marcas dos nossos pés!

CULE: Quando passamos por aqui, ainda não podíamos estar muito longe do caminho.

COMERCIANTE: Pode armar a tenda. O nosso cantil esta vazio. No meu também não tem mais nada. (SENTA-SE NO CHÃO, ENQUANTO O CULE ARMA TENDA, E AS ESCONDIDAS BEBE ÁGUA DO PRÓPRIO CANTIL. DIZ DE SI PARA SI.) Ele não deve perceber que eu ainda tenho água; senão, se tiver na cabeça uma única centelha de bom-senso, ele me mata. Se chegar perto de mim, leva um tiro. (TIRA O REVÓLVER DO COLDRE E PÕE NO COLO) Se ao menos pudéssemos voltar ao último poço por onde passamos! Minha garganta está completamente seca. Por quanto tempo um homem será capaz de suportar a sede?

CULE: É melhor entregar a ele o cantil cheio que o guia me deu no posto. Senão, se nos encontrarem e eu ainda estiver vivo, com ele assim quase morto de sede, podem me processar.

O CULE APANHA O CANTIL CHEIO E ENCAMINHA-SE PARA O COMERCIANTE, QUE, AO VÊ-LO DE REPENTE EM PÉ NA SUA FRENTE, NÃO SABE SE ELE O VIU BEBENDO OU NÃO. O CULE NÃO O TINHA VISTO BEBENDO ÁGUA, E ESTENDE-LHE O CANTIL EM SILÊNCIO. MAS O COMERCIANTE, PENSANDO QUE O OUTRO TEM NA MÃO UM GRANDE MARCO DE PEDRA E ESTÁ COM RAIVA A PONTO DE QUERER MATÁ-LO, COMEÇA A GRITAR.

COMERCIANTE: Jogue fora esta pedra! (COM UM TIRO DE REVÓLVER, ABATE O CULE, NO MOMENTO EM QUE, SEM NADA COMPREENDER, O OUTRO CONTINUA A OFERECER-LHE O CANTIL COM ÁGUA.) Pronto! Seu animal! Você agora recebeu o que merecia!

8 CANÇÃO DOS TRIBUNAIS

É ENTOADA PELOS ATORES, ENQUANTO O PALCO É ARRUMADO PARA A CENA DO TRIBUNAL:

Seguindo os rastros dos salteadores,
Surgem os tribunais:
Depois que o inocente é trucidado,
Reúnem-se em volta dele os juízes e ele é condenado.
Em torno à cova do trucidado,
Também o seu direito é mutilado.

Dos tribunais as sentenças se precipitam
Quais sombras de falcões de magarefes.
Um falcão desses tem força à beça, e dispensa
O contrapeso de qualquer sentença.

Olhem: é vôo de abutres! Aonde vão?
Do deserto, onde não há nada mais,
Fogem, para comer os tribunais.
Os assassinos lá estão. Os perseguidores
Em segurança lá estão. E os que roubam
Vão lá esconder seus roubos, enrolados
Num papel onde há uma lei lavrada.

9 JULGAMENTO

O GUIA E A MULHER DO MORTO JÁ ESTÃO SENTADOS NA SALA DO TRIBUNAL.

GUIA: (À MULHER:) A senhora não é a mulher do morto? Eu sou o guia que contratou o seu marido. Ouvi dizerem que, neste processo, a senhora pede uma punição para o comerciante e uma indenização. Eu vim logo correndo para cá, pois tenho prova de que o seu marido foi morto sem culpa alguma: está aqui na minha saca.

ESTALAJADEIRO (AO GUIA:) Se eu ouvi bem, você tem uma prova em sua saca. Mas eu lhe dou um conselho: deixe a prova dentro da saca!

GUIA: E a mulher do carregador: vai sair daqui de mãos vazias?

ESTALAJADEIRO: Ou você quer ir para a lista negra?

GUIA: Eu vou pensar melhor no seu conselho.

OS MEMBROS DO TRIBUNAL OCUPAM SEUS LUGARES, BEM COMO O COMERCIANTE ACUSADO, MEMBROS DA SEGUNDA CARAVANA E O ESTALAJADEIRO.

JUIZ: Está aberta a sessão! Tem a palavra a mulher do morto !

MULHER: Meu marido carregou a bagagem deste senhor pelo deserto de Jahi. Pouco antes do fim da viagem, esse senhor matou-o com um tiro. Embora nem por o isto meu marido volte a viver, eu peço que o assassino seja punido.

JUIZ: A senhora pede também uma indenização.

MULHER: É, porque eu e meu filho pequeno ficamos sem aquele que nos dava o sustento.

JUIZ: (À MULHER:) Eu não censuro a senhora por isso: a exigência de ordem material não constitui nenhum demérito para a senhora. (AOS MEMBROS DA SEGUNDA CARAVANA:) Atrás da expedição do comerciante Karl Langmann vinha uma segunda expedição, à qual se foi juntar, depois de despedido pelo comerciante, o guia da primeira caravana. A menos de uma milha de distância do caminho trilhado, podia-se avistar a expedição malograda. Que foi que os senhores viram, quando chegaram perto?

CHEFE DA SEGUNDA CARAVANA: O comerciante, com um pouquinho d'água ainda no cantil, e o carregador, caído na areia, morto com um tiro.

JUIZ (AO COMERCIANTE:) O senhor matou o homem?

COMERCIANTE: Matei sim: de repente, ele me agrediu!

JUIZ: Como foi que ele agrediu o senhor?

COMERCIANTE: Ia me acertar pelas costas com uma pedra!

JUIZ: O senhor tem alguma explicação para o motivo dessa agressão?

COMERCIANTE: Eu, não...

JUIZ: O senhor não forçava os seus homens com muita brutalidade?

COMERCIANTE: Nunca.

JUIZ: Encontra-se no recinto o guia despedido, que fez parte da expedição na primeira parte da viagem?

GUIA: Eu!

JUIZ: Diga o que sabe a respeito!

GUIA: Até onde posso saber, o que comerciante queria era chegar a Urga o mais depressa possível, por causa de uma concessão.

JUIZ: (AO CHEFE DA SEGUNDA CARAVANA :) O senhor tinha a impressão de que a expressão de que a expedição que ia na sua frente andava com uma rapidez fora do comum?

CHEFE DA SEGUNDA CARAVANA: Fora do comum, não: eles levavam um dia de vantagem e mantinham essa vantagem.

JUIZ (AO COMERCIANTE:) E para isso o senhor não pode ter deixado de forçar o seu pessoal.

COMERCIANTE: Eu nunca forcei ninguém: isso era função do guia!

JUIZ (AO GUIA:) O acusado não lhe deu ordens, expressas para forçar o carregador a andar mais depressa?

GUIA: Eu não forcei mais que o de costume; até menos, por sinal.

JUIZ: E por que foi despedido?

GUIA: Justamente porque, na opinião do comerciante, eu me mostrava amistoso demais com o carregador.

JUIZ: E não devia, por acaso?... O carregador, a quem o senhor nem podia tratar amistosamente, dava a impressão de ser um homem revoltado?

GUIA: Até que nem. Ele aguentava tudo, porque, pelo que me dizia, tinha medo de perder o emprego: ele não era sindicalizado.

JUIZ: Assim, tinha de engolir muita coisa, não é? Responda! Não fique aí pensando o tempo todo em cada resposta que tem a dar! A verdade sempre vem à tona.

GUIA: Eu só estive com eles até o posto de Han.

ESTALAJADEIRO (CONSIGO MESMO:) Muito bem, guia!

JUIZ (AO COMERCIANTE:) Depois disso, aconteceu alguma coisa que pudesse dar motivo à agressão do carregador?

COMERCIANTE: Nada, pelo menos da minha parte.

JUIZ: Ouça: o senhor não deve fazer-se de mais inocente do que é. Assim não vai dar em nada, homem. Se tratava o seu carregador com luvas de pelica, como explicas o ódio que ele tinha do senhor? É só tornando esse ódio justificável, que o senhor poderá justificar também que agiu em legítima defesa. Pense bem!

COMERCIANTE: Uma coisa é preciso confessar: bati nele uma vez! Bati, sim!

JUIZ: Ah! E o senhor acha que, por causa dessa única vez, o carregador ficou tão cheio de ódio?

COMERCIANTE: Não, mas eu também encostei o revólver nas costas dele, quando ele não queria atravessar o rio. Durante a travessia do rio, ele quebrou um braço: culpa minha, também.

JUIZ: (SORRINDO): Na opinião do carregador...

COMERCIANTE: (TAMBÉM SORRINDO): Naturalmente. Na verdade, quem o puxou de dentro d'água fui eu!

JUIZ: Então, vejamos! Logo depois de despedir o guia, o senhor deu motivos para o carregador odiá-lo. E antes? (AO GUIA, EM TOM ENERGICO:) Reconheça de uma vez que o homem tinha ódio do comerciante! Quando se pensa bem, aliás, isso é até óbvio: é bem compreensível que um homem, mal remunerado, forçado com violência a enfrentar um grande perigo, vendo-se prejudicado até em sua saúde, e arriscando a vida quase a troco de nada, para um outro Ter vantagem, acabe tendo ódio desse outro...

GUIA: Ele não tinha ódio de ninguém.

JUIZ: Vamos agora interrogar o estalajadeiro do posto HAN, que talvez nos possa dizer alguma coisa para ajudar a termos uma idéia clara do relacionamento entre o comerciante e seus empregados. (AO ESTALAJADEIRO:) Como é que o comerciante tratava os homens dele?

ESTALAJADEIRO: Bem...

JUIZ: Quer que mande evacuar o recinto? O senhor acha que, dizendo a verdade, pode trazer prejuízo aos seus negócios?

ESTALAJADEIRO: Não: neste caso, não é preciso.

JUIZ: Como o senhor quiser.

ESTALAJADEIRO: Ao guia ele chegou até a dar cigarro, e pagou o salário sem discutir. E o carregador também era bem tratado.

JUIZ: O lugar onde o senhor trabalha é o último posto de polícia, nesse itinerário?

ESTALAJADEIRO: É. Depois começa o deserto de Jahi, completamente desabitado.

JUIZ: Ah,sei! Nesse caso, a amabilidade do comerciante era mais uma questão de circunstâncias, por pouco tempo: era, por assim dizer, uma amabilidade tática. Na guerra

também os nossos oficiais faziam questão de trataras tropas de maneira tanto mais amável quanto mais se aproximavam da frente de batalha. Amabilidades desse tipo não querem dizer, naturalmente, nada.

COMERCIANTE: Ele, por exemplo, estava sempre cantando, enquanto caminhávamos. A partir do momento em que o ameacei com o revólver, para forçá-lo a atravessar o rio, nunca mais o ouvi cantar.

JUIZ: Ele estava, portanto, bastante irritado; o que é perfeitamente compreensível. E eu retomo de novo o exemplo da guerra: lá também se podia compreender perfeitamente a gente simples do povo, quando dizia a nós, oficiais: pois é, vocês fazem a guerra de vocês, mas é também a de vocês que nós fazemos! Assim também o carregador poderia dizer ao comerciante: o senhor está fazendo o seu negócio, mas o negócio que eu faço é também do senhor!

COMERCIANTE: Outra coisa é preciso confessar: quando ficamos perdidos no deserto, eu reparti com o carregador um cantil de água, mas escondi outro cantil para beber sozinho.

JUIZ: E por acaso ele viu senhor bebendo?

COMERCIANTE: Foi o que eu pensei, quando ele avançou contra mim com aquela pedra na mão:. Eu sabia que ele me odiava. Quando entramos na região desabitada, fiquei noite e dia de sobreaviso. Eu só podia imaginar que ele viria para cima de mim na primeira oportunidade. Se eu não tivesse atirado, o morto seria eu!

MULHER: Eu só queria dizer uma coisa: ele não pode Ter agredido esse homem, ele jamais agrediu ninguém!

GUIA: Pode ficar descansada: a prova da inocência dele está aqui na minha saca.

JUIZ: Alguém encontrou a pedra com que o carregador ia agredir o senhor?

CHEFE DA SEGUNDA CARAVANA (APONTANDO AO GUIA:) Esse homem tiro-a da mão do morto .

O GUIA EXIBE O CANTIL.

JUIZ: Era essa pedra? O senhor reconhece?

COMERCIANTE: A pedra era essa mesmo!

GUIA: Pois então veja o que a pedra tem dentro! (DERRAMA A ÁGUA DO CANTIL.)

PRIMEIRO JUIZ ADJUNTO : Isto é um cantil com água, não é pedra nenhuma: ele ia oferecer água ao senhor!

SEGUNDO JUIZ ADJUNTO: Agora, tudo indica que ele não pretendia em absoluto matar ninguém.

GUIA (ABRAÇANDO A VIÚVA DO MORTO:) Viu? Consegui provar: ele era inocente. Foi só por um acaso excepcional que eu pude provar isso: eu mesmo tinha dado o cantil d'água a ele, quando partiu do último posto, e o estalajadeiro é testemunha de que o cantil é meu.

ESTALAJADEIRO (DE SI PARA SI :) Que idiota! Agora ele também está perdido.

JUIZ: Como pode ser isso? (AO COMERCIANTE:) Ele ia dar de beber ao senhor!

COMERCIANTE: Devia ser uma pedra!

JUIZ: Não era pedra nenhuma: não está vendo que é um cantil com água?

COMERCIANTE: Mas eu nunca podia imaginar que fosse um cantil com água: aquele homem não tinha motivo algum para me dar de beber! Eu não era amigo dele.

GUIA: Ele ia dar de beber ao senhor...

JUIZ: Porque iria dar água ao patrão? Porque?

GUIA: Deve ter imaginado que o comerciante estava com sede. (OS JUÍZES SORRIEM UNS PARA OS OUTROS.) Decerto por um sentimento de humanidade. (OS JUÍZES TORNAM A SORRIR.) Talvez até por imbecilidade, e por isso eu acho que ele não tinha nada contra o comerciante.

COMERCIANTE: Só se ele era muito imbecil, mesmo. Um sujeito que, por minha causa, sofreu um acidente capaz de deixá-lo aleijado para o resto da vida, e logo num braço! Nada mais justo, da parte dele, do que querer ir à forra.

GUIA: Nada mais justo.

COMERCIANTE: Por um pouquinho de dinheiro à toa, ele se prestava a andar com uma pessoa como eu, que tenho dinheiro à beça! É verdade que o caminho era tão árduo para ele como para mim.

GUIA: Disso, ele sabia.

COMERCIANTE: E quando estava cansado, apanhava.

GUIA: Não é o certo?

COMERCIANTE: Admitir que o carregador não quisesse acabar comigo na primeira oportunidade, seria admitir que ele não tivesse nenhum bom-senso.

JUIZ: O senhor quer dizer que tinha razão em supor que o carregador tivesse alguma coisa contra a sua pessoa. Dadas as circunstâncias, portanto, o senhor teria atirado numa criatura inofensiva, tão somente por não poder imaginar que era inofensiva. Isso acontece, vez por outra, com os nossos policiais: atiram no meio de uma multidão de manifestantes, gente absolutamente pacífica, só por não poderem conceber que essa gente não esteja pronta para arrancá-los de cima dos cavalos e linchá-los. Então os policiais atiram, a bem dizer, só por medo; e o fato de terem medo é uma prova de bom-senso. Agora, o senhor quer dizer que não podia saber que o carregador constituía uma exceção...

COMERCIANTE: A gente tem de seguir a regra e não a exceção!

JUIZ: Então, é isto: que motivos poderia ter o carregador, para dar de beber ao seu carrasco?

GUIA: Nenhum motivo razoável!

(CANTANDO:) A regra é: olho por olho!
Só um tolo espera a exceção:
que o inimigo lhe dê de beber,
o sensato não pode conceber.

(FALANDO AOS OUTROS JUÍZES:) Agora vamos ao veredicto!

OS JUÍZES RETIRAM-SE.

GUIA (CANTANDO:) No regime que criaram,
Humanidade é exceção:
Assim, quem se mostra humano,
Paga caro essa lição.

Se há alguém ao lado com sede,
feche os olhos bem depressa!
Tape os ouvidos, se alguém
Geme perto de você!

Reneguem de todo aquele
Que amigável se mostrar!
Guardem distância daquele
Que a outrem quer ajudar!

Se alguém grita por socorro,
Não se arrede do lugar!
Quem se esquece disto, é bobo:
Vai dar de beber a um homem,
Mas quem bebe mesmo é um lobo!

CHEFE DA SEGUNDA CARAVANA: O senhor não tem medo de nunca mais arranjar emprego?

GUIA: Eu precisava dizer a verdade.

CHEFE DA SEGUNDA CARAVANA (SORRINDO:) Bem, se o senhor precisava...

OS JUÍZES RETORNAM AO RECINTO.

JUIZ (AO COMERCIANTE:) O tribunal tem mais uma pergunta a lhe fazer: por acaso o senhor, matando o carregador, não saiu com vantagem?

COMERCIANTE: Pelo contrário! Eu precisava dele, para o negócio que ia fechar em Urga: era ele quem carregava os mapas e as tabelas de que eu tinha necessidade. Eu não estava em condições de carregar sozinho as minhas coisas!

JUIZ: O senhor, com isso, não realizou o seu negócio em Urga?

COMERCIANTE: Naturalmente que não: eu cheguei tarde demais. Estou arruinado!

JUIZ: Então eu vou proferir a sentença! O Tribunal considera provado que o carregador aproximou-se do patrão, não com uma pedra, e sim com um cantil d'água. Ainda partindo dessa premissa, porém, era muito mais provável que ele estivesse pensando em matar o patrão, com um cantil, do que em lhe dar de beber. O carregador pertencia a uma classe que tem, efetivamente, razões para sentir-se prejudicada. Para pessoas da classe do carregador, defender-se contra um abuso que o deixasse lesado na partilha da água, era uma simples questão de bom-senso. Para pessoas desse tipo, com seus pontos de vista limitados e unilaterais, aferrados a um único aspecto da realidade, parecia até bastante justo vingar-se dos que as maltrataram: no dia do ajuste de contas, só teriam a ganhar. O comerciante não pertencia à mesma classe do carregador, de quem só poderia esperar o pior. O comerciante jamais poderia acreditar em qualquer gesto de camaradagem por parte do carregador, a quem ele havia confessadamente maltratado: o bom-senso lhe dizia que sobre ele pesavam as mais graves ameaças, e o despovoado da região devia trazê-lo cheio de apreensões. A ausência de polícias e de juízes possibilitava ao emprego arrancar-lhe à força a sua ração de água, e o encorajava mesmo a fazer isso. O acusado, portanto, agiu em legítima defesa, tanto no caso de ter sido realmente ameaçado, quanto no caso de apenas sentir-se ameaçado. Isto posto, absolve-se o acusado, e não se toma conhecimento da queixa da mulher do morto.

OS ATORES: Assim termina
A história de uma viagem,
Que vocês viram e ouviram:
E viram o que é comum,
O que está sempre ocorrendo.
Mas a vocês nós pedimos
No que não é de estranhar,
Descubram o que há de estranho!
No que parece normal.

Vejam o que há de anormal!
No que parece explicado,
Vejam quanto não se explica!
E o que parece comum,
Vejam como é de espantar!
Na regra vejam o abuso!
E, onde o abuso apontar,
Procurem remediar!

===FIM===